



eliseu César miguel

o terço do meio

Projeto Edição

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alfenas

2010



© Copyright 2010 by Eliseu Cesar Miguel

Contatos com autor:

eliseumiguel@gmail.com

eliseu@unifal-mg.edu.br

Capa:

Ronaldo Auad - Repositórios - 2001

Encáustica e dedo de cera sobre tecido de algodão (40 x 30 x 2 cm)

Coleção do Artista (foto de Jesse Chiesse)

Edição, Design e Projeto Gráfico:

Marcelo Guimarães dos Santos

marcelosants@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

César Miguel, Eliseu 2010

O Terço do Meio,

Eliseu César Miguel

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alfenas - MG

ISBN 978-85-61332-03-7

I. Poesia brasileira I. Título

Patrocínio:

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Permite-se cópia total ou parcial desta obra desde que citada a fonte.

Como se fosse um prefácio

O mais das vezes, as honrarias são tão fáceis de suportar que até passam por prazer. Basta fechar os olhos à sabida miséria do ego e abrir ouvidos complacentes ao som oco que sai das entranhas vazias, acolher a palavra névoa-de-nadas vinda, por orifícios de máscaras, de seres autocridos indivíduos “para além” do diuturno exercício da obviedade. Difícil, porém, a honra – substantivo, no caso, concreto e pegável – que implica o real perigo de expor-se ao erro, ainda mais quando somos corresponsabilizados pelo autor do feito com o apodo de “mago amigo”.

A mágica do amigo é ser amigo, neste mundo repleto de dissemelhanças e não-correspondências. Encontramos denominadores comuns em meio a discordâncias à primeira vista que poderiam ser, insanáveis, o avesso do afeto – quase inimizáveis. Mas Eliseu é um sujeito raro, daqueles que enxergam tremendamente além do senso comum, e foi assim que nos tornamos amigos. Do que oferecer cada um tem seu pouco, e sua grande qualidade me parecia ser o espírito prático perigosamente vizinho da impertinência. Eu tinha alguns poemas no embornal, useiros e vezeiros de não interessar a muita gente.

Desse curto pecúlio, a amizade cresceu a ponto de emparelhar-se às muito mais antigas. De modo que me vejo bastante suspeito nesta apresentação. Porém, as balizas do crítico profissional não falecem apenas por interferência da subjetividade: qualquer um se espantaria de ver um cientista da computação virar poeta em três meses, e posso atestar que foi isso que ocorreu com nosso autor. A ponto de perguntarmos, encabulados, se *O Terço do Meio* seria a evidência cabal de que a grande maioria dos que se apresentam como poetas, nos últimos 20 ou 30 anos, não passam de farsantes. O livro é fruto de exíguo tempo de convivência com o fazer poético, e por si só o fenômeno já o torna desconcertante. Mais significativa é a evidência de que Eliseu não dispõe de praticamente nenhum preparo teórico. Depois de dois séculos e meio de poetas-críticos, se alguém me anunciasse o fato eu duvidaria com força.

O fato é que temos aqui, cento e tantos anos depois da prodigiosa intuição de Rimbaud –mas Rimbaud poetava em latim aos doze anos–, um poeta quase em estado puro, feito da substância de si mesmo e de sua vivência mais meia dúzia de livros de poemas lidos à medida que seu insuspeitado (até a meia idade) talento passava do caos ao cosmos. É espantosa a capacidade de aprendizado demonstrada por Eliseu, que em nenhum momento se avizinha do plágio e raras vezes escorrega

rumo ao clichê. Não se trata, ainda, de invenção de novos recursos poéticos, mas da mobilização surpreendentemente eficaz de um certo número de recursos apreendidos em tempo recorde. Ninguém poderá negar, por exemplo, que nosso poeta maneja o ritmo com muito mais competência que a maioria dos concorrentes – termo, aliás, inadequadíssimo no caso de uma arte sem qualquer espaço no mercado. Também a figuração já se encontra bastante desenvolvida em seus poemas, tismada apenas ocasionalmente por idiossincrasias como chamar “papagaio preto” ao cachorro da família.

Esta leitura, vamos esclarecer, conta com dicas de cocheira, pois algumas referências em Eliseu são de difícil decodificação mesmo para quem conheça o autor. Mas isso é um problema incontornável da poética contemporânea, desde que seus praticantes, isolados da banalidade coletiva que um ficcionista inglês definiu lapidarmente com a expressão “gado imóvel da maioria”, vivem, terroristicamente por sua fidelidade a si mesmos, a explodir pontes mesmo sem pretender fazê-lo.

O domínio dos materiais elementares dessa poética, enfim, levou Eliseu a uma rara economia estilística, cujo resultado será o empacamento, mesmo de leitores experimentados, diante de alguns poemas seus. Também isso já era difícil evitar em meados do século XX, quando o refinamento da linguagem poética enveredou por uma senda vertiginosamente oposta à imbecilização planejada das multidões.

É claro que haverá poemas nem tão bem realizados, mas o conjunto timbra pela coerência e economia de meios, atingindo em alguns textos (destaco especialmente “Mudinho de balada”) a excelência lapidar com que nenhum iniciante ousaria sonhar. Ousadia, por sinal, não falta ao poeta que já trafega desembaraçado entre o verso e a poesia concreta, demonstrando sanhuda ânsia de pesquisar as mais variadas possibilidades da linguagem.

“Ver com olhos livres.” Provavelmente sem ter notícia do lema oswaldiano, Eliseu pratica-o inteiramente. E por isso mesmo seus poemas exigirão do leitor uma semelhante (e cada vez mais rara) liberdade do olhar e do intelecto. Entre sacadas humorísticas, lirismo amoroso, intervenções político-ecológicas e desabafos autobiográficos, nosso poeta ousa postular seu lugar num atravancado – menos de leitores – panorama poético que, desde o Modernismo, tem tornado temerárias ou inoperantes apresentações como esta. E, por falar em Modernismo, está na hora de deixar o leitor aventurar-se por conta própria: como diria o narrador marioandradiano, tem mais não.

Eloésio Paulo

O TERÇO DO MEIO

*proferiu a Palavra
de letras em frases
e aspereza delicada*

*céus e terra sentiram
e não mais cabe remediar
a vida irrompida*



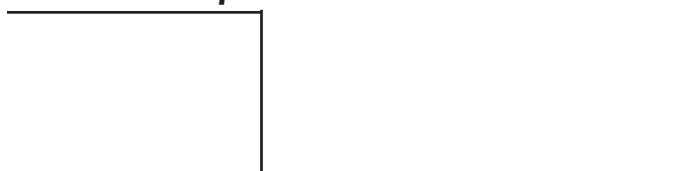


eliseu César miguel

7

nuvens e vento

ao seu tempo





enfia tudo no nada

a crise em novas medidas
muda o valor ofertado
e renova a tradição

da visão de campo limitada
guarda os peixes no bernal errado
maldita toxoplasmose no intelecto
do pobre pescador

sapiens quase perfeito

pedira ao seu carpinteiro
olhos também para os ouvidos
dispondo quando bem entendesse
do silêncio particular

perfeito teria sido
o carpinteiro habilidoso
de meras tampas
esse invento provesse

mas sem dormir pelo descaso
e às sombras de faixa preta
peregrina agora em busca
de um som em particular

a segunda impressão

sua imagem instigava algo ruim a seu respeito
visão aquela cortinada pela imposição social

(mas a absorção do zero
o nada até nas particularidades
permite a evolução da matemática)

e a respeito dele descoberto
qualquer um que ainda não tenha escutado
para e pensa
e qualquer um que jamais tiver pensado
para e escuta

é isso:
a crença da primeira impressão
queimada como fusível

tirou pra lavar

onde sentou pediu corte raso
e pôs-se a ler

de relance o espelho o assusta
que sem nada na cabeça
reclamou e ouviu:

*é, meu amigo
sem ponto de referência
atende-se a qualquer exigência*

linha de frente

até a penetração final
com pouco perigo
dá a vida na conquista

mas contemplado
fantasia qualquer um do reino
poderes até por rainha

é tartaruga que vira coelho
pomba que bota
jararaca de seus ovos



feliz

está bem
bem assim

tem tudo
tudinho

e bem sabe
muito bem
com detalhes
nada de nada



tô

ladrão
tal cidadão
que rouba cidadão

cem anos de perdão a
um tal cidadão que rouba
tal cidadão que rouba cidadão

ou ladrão por si só é apenas na verdade
ladrão que rouba ladrão ou não?

mas belo e limpo ladrão tem
e bem difere por isso
outras chaves

e o povo
honesto
sem

os terços

a semente na floresta
é o ciclo de vida
da árvore de suas mãos

agora o segundo terço
anseia pela prole
que abre a ponte da vida

assim realizado
poderá a mosca nascer
do ventre do forte urso
que pairando estático
feliz e livre
viverá o pôr do sol

pequeno trono

borboleta não voa com gavião.
com mortos ou vivos imortais sentar
é escalar a muralha da crítica
deixar de ser sapo na festa do céu

antanho

sem moeda intelectual para nobres tocar
liberte-se e vomite sua criação
realizado fará bom ar surgir
do ardor de suas flatulências

**sem volta**

as lágrimas mensura com fotos
os ovos em incontáveis dúzias
os galhos nos ramos do tempo
medira contando indultos



ao passado

pensas que era a era
da morte do monarca
de boca anunciada em
fortes carteiros camelos?

só por novas formas de cobre
eletrônicos de consumo
da onda ao novo câncer
e moderno livre cárcere?

para poucos
a era moderna já era
e camelos carteiros vêm salvar
nem para mim nem para ladrão
tenho celular

**visão de vômito**

se você olha
e enxerga o que não quer ver
olhe como o cego
que enxerga mas não vê



a formiga e o poeta

engana o que se vê
copiamos da vida de um original
imperfeita cópia do seu abstrato

e tudo se dá aos olhos da formiga
no plano branco onde fizera seu mundo
trilhado pela máquina que desliza a química

tão pequena nem pôde perceber
que aquelas linhas negras rompidas
desenham o tão profundo sentimento

ah se palavras expressassem a essência
das tempestades volumosas nas sinapses
para ela meras estradas sem fim

**que feche curto**

adorno infeliz!
economia que faz
horário de verão
piscando em vão

completo é gostar
de neve tropical
em algodão



dança cósmica

belo o todo!
apenas giros
em torno de si

nas partes e seus pedaços
giros em torno de si
mas também em outros tornos

e de um ponto de vista especial
da dança da princesa
do império principal
faz-se
da face iluminada à sombra
em um interminável balé nupcial
a vida no todo

**em números**

um se resolve
dois abre o sorriso dos dogmas sociais
três diferencia

demais circunstâncias
felizes os convidados
para a seia do senhor



um poeta

tão singular que
não se encontra
como amargo de cacau
melhor que cona

trem-bala que transporta
pensamentos em lego
ursos e texturas em nuvens
no céu particular

e finda a mágica viagem
gozo de alegria no trono!
da cartola o coelho indecifrável
em tão óbvias linhas

no ponto x

a cada casa que tomba
conforta do azar a alma
na crença de que raio não cai
duas vezes no mesmo lugar

sorte a dele
não enxergar no espelho
ao pentear o cabelo
imponente haste de aço
o para-raios

desamores

daquele futuro
ficaram apenas
marcas no passado

e o presente
tão quente
promete

sabedoria é isso:
deixar de ser
comida de astronauta
e entrar na pista
pra negócio

**busca**

resolveu mudar
ao paralelo
do linear

não se libertou
nem pode
mas desfruta
da dose





conquista e sexo

a manada de zebras arrisca
na fila indiana de crocodilos
sabendo todos que no momento
certas costelas não vão escapar







portal do pico

recanto de vida





a mais que a menos

a mais linda é
linda como a menos

de tão bom olor como
de tão bom olhar
da menos como da mais

nada faz da mais
mais que a menos?
(sim, a proposta no ar)

magia mecânica

a corrente num casar de dentes
gira ao mundo de terra
no sol ou na chuva
a maravilha da invenção

no pé de velas
a cobra lambe a coroa
e recebe do sonhador
a vital força motriz

e sobre toda armação
dos olhos que capturam os desenhos
à mente que produz harmônios
há sempre o avançado estado de transe
pelo simples poder de deslocar

mudança de estação

suavemente a luz se derrama!
notas de diferentes padrões
distantes e amenas
envolvem o ex-breu
formado o perfeito cessar

quão surpreendentes os raios
de luz e do besouro temporão
que disputando a fresta irregular
fazem das perfeitas delícias do verão
um ardente inferno

a ela distante

de amor
(no derrame de músicas)
na madrugada viralatas
e dá pasto aos olhos

é o alimento vital da liberdade
em belo pensamento silencioso
e assim dormir limpo
de amor

darwin

solidão
nos braços
da amada

sozinho
na solidão
restada

imensidão
consigo e
mais nada

m.p. brasil 441/2008

de malas prontas
ao novo horizonte
amputação brasileira
com lei na medida

ovo choco sem vida!
difícil é cicatrizar a fígada abrupta
da lâmina do liquidificador
na bola do saco

novidade

a bela conversa com jana
a festa na noite adentra
variante na mente pra gente
instintos desejos tão quentes

sobre a bela, do amigo obtém:
é vaca! pela vaca que acompanha!
surpresa maior nunca imaginada
é descobrir-se assim pelo amigo
um gay

para menores de 18

no portão
beijos na linda cibeles
magra de cachos vermelhos

em vezes
vê passar a misteriosa gordinha
de curtos em caracóis
instigando-lhe o secreto

fase áurea da bananeira
serviço termina em casa
com gosto de cibeles
que conserva a gordinha selada

feitiço mortal

amontoados até o entardecer
soldados de muitos olhos
e pernas longas dobradas
lançam-se ao abismo da vida
em linhas perfeitas
de uma cilada

*ao inçar
de passar
múmia*

anjinho

criado com muito amor
educação de extremo zelo
palavras da própria mãe:
um doce!

alma pura se prepare
faça o kit de sobrevivência:
hidratante de pele suave
e muito inseticida

sitiados

a televisão de janela
troca de cena estrelas e nuvens
os vagalumes felizes coadjuvam

bom!
mas bem melhora
quando a tora força a boca do serrote
que não morde
e se põe a cegar seus dentes

entre toradas disciplinadas e ritmadas
o serrote entende a conspiração
quando se unta de grosso óleo quente

desacelerados e sorridentes
voltam-se ao telão
e aguardam o programa principal
(chove)



sentimentos

um mero destrato
no tratado
priva do bom trato
a alma





no turno noturno

tentaram ferir
o equilíbrio
dele

pura insensatez!
faz-se morcego ao dia
mas com hora pra voar



sempre juntos

podia tocá-la
senti-la ali
mas sua lâmina
o elo rompeu

agora a tenho
por difração
no vulto escuro
da dimensão

ao andar de cima

faça vingar!
você é fértil
em sol e chuva

da ninhada faminta
será aranha adulta
canibal na decisão

e brindemos então
o feitiço da ascensão:
que seja seu novo peito
caveirão preto!

a janela

pediu a janela na parede
sobre a mancha negra
em lindas cores novas

cores que mudam cores
regadas pelo sangue da vida
quando definem contornos

e dentro da janela
ao sol que nunca se põe
o vale se oferta estático

sim, a janela aberta
não oferece passagem
e nunca deveras
se abrirá

santa cana

adoece o homem feliz
que tanto sol enfrentou
com cana na mente se mente
o cano que enfia sua gente

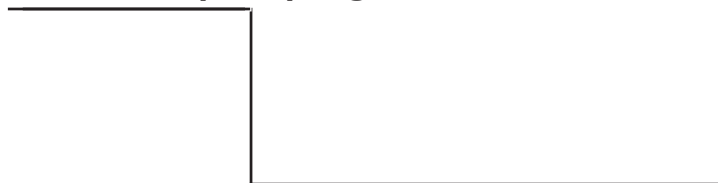
sem folha que nutre os bichos
as vacas só andam deitadas
as cabras por sorte num golpe
saltaram pra outra cilada

mas a porca torce o rabo!
e chegam juntos ao dito
credores que avisaram por vezes
da fria resgatam os bichos



uma palmeira verde

*regada por nobres
devorada por pragas*





capeta com arquiteta acordam na igreja

um terço é suficiente
pra reza já combinada
o povo assim só ganha
e não se peca em mais nada

mas veja bem:

proposta melhor é pedir
três terços numa tacada
são mais dois aos nossos pecados
bem gastos em outra jogada

que assim seja senhor
amém

liberdade

quando criança
ventou a imaginação
ver livre pelas mãos
e céus

varetas equilibradas
e cordinha para ligar
deu ossos ao provento
em pele de papel

e lançou ao vento
vivendo emoção
entre nuvens e urubus
de pés no chão

duas vezes rico

da grana que pintou
trocou o cofre da vida
sem remorso algum
ao desfreio que faria

desfeito todo provento
procurou o cofre antigo
que só pelas teias de aranha
não estava então vazio

difícil foi entender:
da riqueza maior que tivera
azar foi ganhar na sorte
antes da morte

campanha contra ciladas

o fantástico trem sem destino
suspeitamente paralelo
não garante a volta
no embarque

mais um bilhete?

pelo menos seja burro esperto
que come capim diferente
sem sair do acostamento

do ventre a prisão

a vaca pulou a cerca
e armou na cena do crime
inesperado desvio no destino

(a denúncia)

do quente marcapassos que perdera
os desenhos na branca cerâmica
claro reflexo de estrelas
de galocha

ninho

andam-se mares e terras
tudo se vê e se pode
oferta de sonhos e vida
em busca consigo

mas nada se compara
àquele cheiro peculiar
com fada do mágico angu
e bocadas no sofá

calorosos abraços amigos
bichos em monte ali bem servidos
saudades que se matam com beijos
e brincando papagaio preto

armado com sono

a polícia levantou
e rolou
pau grande

só parou
pela mãe
da boca
do mudo



desfodido

deixei de ser jesus
para aos trinta e três
não cair na cruz



filosofia felina

aponta a ponta do rifle
à verde ponta camuflada
malditos os gritos da árvore
que acordam madrugadas

como todo leão
do ataque ao guepardo
não alimenta sua carne mas
nutre de saborosa vida a alma
e dorme em paz

amor de outros

num piscar de olhos
o peito amortece
o objeto da paixão

entre as coxas
suavemente deixa deslizar
até o chão

penetra
consuma
cai e corre
maior

conversa de embrulhador de mercado

as coisas andam estranhas
dirigem seu eu com peculiares filosofias
e cultos ou não sempre as vivem

tormento outro dia, um desses aí
e aquela sacola de plástico
que não pega pelo bem do chão ou ar

e pensar no que mais faz o tal sofrer:
em pensamentos de tirar o sono
a terceira idade do sol

verdade sob o chapéu

da geladeira tirou a velhinha
à virgem prepara a festinha
ao bom fez-se mau e vilão
sem seu julgamento então

a velha comida bem vive
comida por vias distintas
vital no trato da vida
com antiga alegria

chega-lhe a virgem cheirosa
carinhos no leito propõe:
com a boca só devo beijar-te
e comer-te com muito amor

mas a sorte só flerta a velha!
na hora sagrada decorre
aparição do gajo que caça
e rouba o docinho da festa

papagaio preto

criança fazia
papagaio de bambu
já criado
papagaio de juju

que não voa
mas te faz sentir
pirata

mudinho de balada

deus não olvidara
ouvidos ao mudo

esses se derramam
sobre pele e olhos

ouvindo em silêncio
linhas em ondas

ou já vira dança de surdo
sem música?

noite

caça-se por aí
rebanho misto e afoito
livres presas no engodo
de caçadores afins

dia de caça ou caçador
minhocuçu que só aumenta
ariscas saborosas escapam
impaciente a noite adentra

em pesque-pague também leva
quem paga mas não pesca
bateu no semáforo em cheia
parar na luz vermelha

satélite no bairro

ela namora um vinte a mais
e vai ter festa no posto
viram as mulheres de longo?
outra que também usa drogas
no casamento? um escândalo
comprou até uma charrete
e tem dormido fora toda noite
talvez tenha entrado de vez
pra outra religião

e eu?
nado peladão de braçada
na piscina da vida
fomentando discussão
da mancha preta
portada nas costas

conversa de cozinheira

gente chique
é chique até na graça

a madame agora adotou
para preservar a draga

asas da liberdade

entornado por grades
a morte brota nova vida
livre

aos inocentes
ainda dependentes
o veneno faz voar
do cárcere

ensinamentos ao homem em vida
do sábio sabiá
filósofo em seu reino

pássaros

do capricho
e da doença
o crime

do inteligente
e burro
o egoísmo

um risco
iminente
na existência

o canto
da morte

chiba

o carro do futuro
de homens mais antigos
bem antes deste agora
por pouco vigora

interessante no invento
o freio de motor
acoplado na traseira
pela lei da natureza

e os dejetos do espetáculo
crescem plantas na chuva
valsando músicas abstratas

apenas parte do passado
que escreve o futuro
em quase tudo

maracatu

os pés descalços
infixos
são prefixos
do meu pensamento

aos ritmos em círculos
aqueles olhos discretos
me captam no estratégico

silencioso e estático
alimento a mente
do sinuoso deslocar

que diferença faz
a boca do apito
com o acerto na pinta?

pendular

a carneira
nesta vertente
nada tem
com o carneiro

vive no brejo
transpondo gravidade
em pura solidão

você conhece
o batido
da carneira?

encontro

pegou a chave
no livro vivo
do mago amigo

distintos magos
ofertavam chaves
agora na penca

são luzes ao baú
que carrega no tempo
portando a vida

e abrem portas
de dimensões
convergindo aqui

paraguaçu

joguei-me na vala da enxurrada
que sob o céu estrelado de lua
alimentou o chão seco da vida
afogando o mundo em lágrimas

e ao fim de longa escuridão
a esperança excita a existência
que faz da tristeza alimento
e assiste vingar uma vida

desencontros

de puro amor em única vida
e olhos na mesma direção
o silêncio mistério criou

que desvendado por palavras
quando zarolhos nos vimos
rompeu o amor em vidas

agora só o oftalmo tempo
com técnicas tão peculiares
pode operar os olhos
em busca da vida única

paradoxo

hoje
o céu nublado
foi manto
à lua despida

lembranças
da mesma lua
que fomentou
momentos de vida

momentos ambíguos
que quebram laços
criados com carinho
marcado pelo tempo

e nada substitui agora
com tamanha grandeza
na mais bela natureza
o sorriso de sua visita

cachorrinha

conto-lhe segredos
que escondi de mim
você me aceita

desenho-lhe armadilhas
que armo no sofá
você não evita

permito aproximação
sempre sem língua
e você satisfeita

como pode esse amor
tolhido por cromossomos?
você nunca mulher pra mim
e eu nunca cachorro pra você

reencontro

um dia acordei
com nada lentamente
preenchendo o vazio
do tudo que tinha

tudo que desconhecia
tudo que vivia
e cego ao avesso
ofuscando a vida

com nada
descobri os quartos
a bela varanda
o pôr do sol

descobri o homem!
e a paz adormecida
penetrou suas unhas
rasgando-me o peito

na reconstrução
o nada espera o tudo
e tudo ao lugar certo
com olhos na vida

resta saber:
por que não tocar
uma bela canção
e viver de amor?